



SANTA CATARINA DE SENA

O Diálogo

Tradução: Frei João Alves Basílio, OP



PAULUS

PREFÁCIO DO TRADUTOR

«Santa Catarina de Sena é mãe e não filha do seu tempo. Os seus seguidores – homens e mulheres – chamavam-lhe *mamma* (mãe). Era uma virgem convicta, que fizera o voto de castidade desde a infância; mas poucas mulheres possuíram como ela o sentimento da maternidade.» (Emílio Radius)

Há livros que merecem a leitura para serem conhecidos; outros, para serem vividos. Este, *O Diálogo* de Santa Catarina de Sena, pertence à segunda categoria. Já por essa razão, creio que seria impróprio reter a atenção do leitor com uma longa “introdução”, como que procurando resumir os seus ensinamentos. A água viva é buscada na fonte... Sejam-me permitidas, porém, algumas notícias sobre a autora.

I – Cronologia de Santa Catarina de Sena

1347 – Catarina nasce em Sena (Itália), como vigésima quarta filha de Tiago e Lapa Benincasa.

1353 – Com seis anos, ao regressar de um passeio a casa de sua irmã casada, Boaventura, é favorecida com uma visão extraordinária de Jesus. Revestido de paramentos pontificais, o divino Mestre pairava no ar, majestosamente, sobre a igreja vizinha dos padres dominicanos. Consta que, não muitos dias depois, a precoce criança fez o voto de nunca se casar.

1359 – Na adolescência, a família começou a pressioná-la para que se embelezasse um pouco, com vista a um futuro casamento. Devido à insistência da irmã Boaventura, Catarina concordou, notando todavia que tal comportamento lhe diminuía o fervor do coração. Assim, vindo a falecer de parto aquela irmã, a juvenzinha arrependeu-se do “pecado” cometido e voltou às suas costumeiras orações e austeridades. Quando a mãe lhe apresentou, certo dia,

o nome de um pretendente para as núpcias, a sua reação foi decidida: tomando uma tesoura, cortou as tranças da longa cabeleira, que era o orgulho da família. A mãe Lapa deu-lhe como castigo todos os serviços domésticos. Catarina obedeceu, até ao dia em que o pai fez valer a sua autoridade e permitiu à filha continuar a sua intensa vida de oração, no quarto mais isolado da casa.

1362 – Depois de várias tentativas, aos quinze anos Catrina Benincasa entrou para a Ordem da Penitência, de São Domingos. Era uma associação religiosa formada quase somente de viúvas, que, vivendo em suas casas, se dedicavam à oração comum, ao cuidado dos doentes e ao auxílio material dos pobres. Simultaneamente nos primeiros passos no apostolado, a jovem *mantellata* – esse era o nome popular dos membros da associação, por causa de um manto preto que traziam sobre as vestes – Catarina passou por grandes experiências místicas.

1367 – Com vinte anos, a fervorosa rapariga já se impusera na cidade natal de Sena: semanalmente dirigia uma reunião pública de exortação, oração e ensino, com a presença de muitos leigos, religiosos e sacerdotes no hospital de Santa Maria della Scalla. De tais reuniões nasceu a famosa “família catariniana”, cujos membros a acompanharam até a morte. Dotada de poderes supranormais, a jovem “*mamma*” impressionava quantos dela se aproximavam. Parecia ler nas consciências e tinha sempre a solução justa para os mais difíceis casos. Até as religiosas do mosteiro de Santa Marta, em Sena, lhe mandaram um convite para que fosse àquele convento dirigir uma exortação às monjas. Impedida por causa dos seus muitos afazeres, Catarina não pôde ir, mas fez escrever-lhes uma carta, que felizmente chegou até nós, e que contém já as linhas mestras do pensamento catariniano.¹

1370 – Neste ano deu-se um facto místico que mudou a vida de Catarina: a sua «morte mística». Conforme conta o beato Raimundo de Cápuia, seu confessor e primeiro biógrafo, num êxtase Catarina morreu e ouviu as seguintes palavras de Deus: «A salvação dos

¹ Carta n.º 30, segundo a coleção publicada por Niccolò Tommaseo, Florença, 1860.

homens exige que tu voltes à vida. Mas não viverás como até agora. O pequeno quarto não será mais a tua morada habitual; pelo contrário, para a salvação das almas deverás sair da tua cidade. Estarei sempre contigo na ida e na volta. Levarás o louvor do meu nome e a minha mensagem a pequenos e grandes, a leigos, clérigos e religiosos. Colocarei na tua boca uma sabedoria à qual ninguém poderá resistir. Conduzir-te-ei diante de papas, de bispos e de governantes do povo cristão a fim de que por meio dos fracos, como é do meu feitio, Eu humilhe a soberba dos fortes.»² De facto, a partir daquele dia, Catarina começou a sentir-se «como que outra pessoa»! Naquela época, o sumo pontífice morava em Avignon, na França, e deixara como responsável pelo Estado Pontifício em Itália o cardeal legado Pedro d'Estaing. Este, para reprimir as pretensões políticas do duque de Milão, fizera aliança com a rainha de Nápoles e o rei da Hungria, e entregara a um general inglês – John Hawkwood – a chefia das tropas pontifícias. Catarina, então já em contacto com grandes teólogos, juristas e artistas de Sena, percebeu o perigo da guerra entre esses príncipes cristãos. Como solução pacificadora, idealizou a realização de uma grande Cruzada contra os muçulmanos e começou a enviar longas cartas-mensagens a todo mundo. No cômputo geral das suas missivas, possuímos 23 endereçadas a papas, 19 a cardeais, bispos e prelados, 13 a reis e rainhas, 6 a comandantes militares, 29 a senhoras da alta sociedade, 15 a artistas, 12 a juristas e médicos, 16 a membros da própria família, 32 a discípulos, 17 a irmãs da Ordem da Penitência, 17 a monjas, 47 a frades e eremitas, 34 a monges, 9 a sacerdotes do clero secular, 11 a membros de associações leigas, 23 a mercadores e artesãos, 20 a destinatários diversos. Como se vê, foi uma atividade epistolar fantástica para uma jovem mulher entre vinte e trinta anos, que só aprendeu a escrever nos últimos dias da sua vida, e que viveu em tempos nos quais os meios de comunicação eram rudimentares.

² BEATO RAIMUNDO DE CÁPUA, *Biografia de Santa Catarina de Sena*, livro III, cap. 1.

1374 – Por esses tempos, a fama de Catarina chega à corte papal de Avignon, de onde Gregório XI lhe envia uma Bula de indulgências. Durante o mês de maio, ela vai a Florença por ocasião do Capítulo Geral da Ordem Dominicana, o qual lhe dá oficialmente um diretor espiritual e confessor na pessoa do beato Raimundo de Cápua. Ao regressar a Sena, encontra a cidade sob os horrores da Peste Negra, que matou tanta gente na Europa. A sua dedicação para com os doentes foi total.

1375 – Para organizar a Cruzada pacificadora, Catarina vai à cidade de Pisa. Esta sua visita ficou famosa, porque foi então que recebeu de Cristo o doloroso dom das chagas ou estigmas. Encontrou-se também com um embaixador da rainha de Chipre. Este ia a Avignon, para solicitar auxílios militares ao Papa contra as incursões dos sarracenos. Catarina não perde a ocasião e envia duas cartas àquela rainha! No mês de maio está em Luca. Em junho retorna à cidade natal a pedido do Papa, com a finalidade de impedir que os seus conterrâneos se aliassem com Florença, então em conflito com o Estado Pontifício.

1376 – Formara-se na Itália uma Liga ou Aliança de oitenta cidades e castelos contra o poder político-religioso de Roma. No mês de janeiro deste ano, a Liga conquistou Perúgia; em março, Bolonha. O Papa, de Avignon, reagiu com a arma de que dispunha, lançando o Interdito contra Florença, principal responsável pela situação. Privada dos seus direitos de fé e de comércio, a cidade toscana recorreu a Catarina de Sena: queria que fosse a Avignon em nome do seu governo, para negociar a paz. A jovem *mantellata* começou mandando duas cartas a Gregório XI, com sugestões sobre a reforma da Igreja: que o Papa afastasse os “membros” apodrecidos dos seus cargos, que voltasse ele mesmo a Roma, que procurasse pacificar a cristandade. Depois, encaminhou-se para França. No dia 20 de julho, foi recebida em Avignon, no salão das audiências, e começara mesmo os acordos, quando chegaram os embaixadores florentinos. Antes de voltar a Itália, Catarina encorajou quanto pôde o Papa a fim de que regressasse a Roma. Gregório XI deixou, de facto, Avignon em 13 de setembro.

1377 – Foi um período bastante sereno na vida de Catarina. Como recebera de presente um castelo-fortaleza nas vizinhanças de Sena, empregou os primeiros meses adaptando-o para a vida de uma comunidade religiosa. Seguiu depois para o vale do rio Orcia, com a finalidade de estabelecer a paz entre dois membros da família Salimbeni. Ao demorar-se numa abadia, chamada de Santo Antimo, viu acorrerem a si, em multidão, os habitantes daquelas montanhas, atraídos pela fama da sua santidade. Então, quatro confessores eram insuficientes para atender os peregrinos desejosos de confessar-se. Por esta época, o beato Raimundo de Cápua foi chamado a Roma pelo Papa e Catarina concebeu a ideia de escrever o livro *O Diálogo*.

1378 – Gregório XI faleceu em 27 de março e foi substituído por Urbano VI. Em Florença, ainda submetida ao Interdito papal, a situação tornava-se dia a dia mais tensa. Convidada outra vez a servir de intermediária, Catarina dirigiu-se para lá. Numa sedição popular, enfrentou corajosamente um cidadão mais exaltado que ameaçava matá-la. O tratado de paz foi firmado no dia 28 de julho. Durante os meses seguintes, Catarina recolheu-se em Sena, onde ditou *O Diálogo*. Ainda não acabara de fazê-lo, quando ocorreu em Roma o acontecimento que mais deveria causar-lhe sofrimentos e que, afinal, a levaria à morte: a eleição do antipapa Clemente VII. Por expressa ordem do verdadeiro Papa, ela foi à Cidade Eterna, acompanhada de diversos discípulos. Chegando no dia 28 de novembro, logo falou aos cardeais fiéis ao Papa sobre a gravidade do cisma. Segundo diz o beato Raimundo de Cápua, logo depois o Papa Urbano VI tomou a palavra e acrescentou: «Vede, meus irmãos, como nos tornamos desprezíveis aos olhos de Deus, deixando-nos tomar pelo medo. Esta pobre mulher envergonha-nos!»³

1379 – Nos seus últimos doze meses de vida, Catarina ainda enviou muitas cartas de Roma aos protagonistas do terrível cisma: à rainha de Nápoles, ao rei da França, ao conde de Fondi e outros.

³ BEATO RAIMUNDO DE CÁPUA, *Biografia*, III, 1.

1380 – Mas a jovem, sobretudo, orava a Deus pela unidade da Igreja. No dia 15 de fevereiro, ditou a sua última carta ao beato Raimundo de Cápua, então na cidade de Génova. Entre outras coisas, dizia: «Quando são nove horas da manhã e eu deixo a igreja onde estive para a Missa, vós vereis uma defunta que se dirige à igreja de São Pedro. Então começo de novo a trabalhar pela barca da santa Igreja. Fico ali até as quinze horas. Gostaria de não deixar aquele lugar, nem de dia nem de noite, até que pudesse ver este povo mais calmo e em paz com o seu pai. O corpo já não se alimenta, nem mesmo com uma gota de água. Com tão grandes sofrimentos corporais, os quais para mim são doces e desde algum tempo suporte, a minha vida pende por um fio.»⁴ Sabemos que, a partir do dia 4 de março, já não conseguia levantar-se do leito. Nos seus êxtases, elevava a Deus fervorosas preces, que os discípulos tiveram o cuidado de transcrever. Catarina faleceu em 29 de abril, repetindo dezenas de vezes: «Pequei, pequei, Senhor; tem piedade de mim.»

1461 – Foi canonizada por Pio II.

1970 – O Papa Paulo VI declarou-a Doutora da Igreja.

II – Os escritos de Santa Catarina de Sena

Consta que Catarina sabia ler⁵ e que, nos últimos anos, também aprendeu a escrever.⁶ Os seus escritos – cartas, *O Diálogo* e orações – foram, porém, ditados pela Santa a diversos secretários na sua quase totalidade.

4 Carta n.º 37.

5 Lemos em *O Diálogo* (Discurso 36, n. 11) as seguintes palavras de Deus Pai a Catarina: «Se ainda bem te lembras, leste na *Vita Patrum*...»

6 Lemos também na carta n.º 272: «Esta carta, e uma outra que lhe enviei, foi escrita do meu próprio punho na ilha *della Rocca* (do Rochedo) com muitos suspiros e abundância de lágrimas.» Caffarini, cujo nome próprio é frei Tomás António de Sena, afirma no seu *Libellus de supplemento* que Catarina aprendeu a ler milagrosamente, traçando de repente numa folha de papel as seguintes expressões: «Ó Espírito Santo, vem ao meu coração! Pelo teu poder, arrasta-o para Ti, ó Deus, e dá-me a caridade e o temor. Ó Cristo, protege-me de todo o mau pensamento, aquece-me e inflama-me com o teu doce amor, de modo que toda a pena me pareça leve. Meu Pai Santo e meu doce Senhor, ajuda-me agora e em qualquer necessidade. Cristo amor, Cristo amor» (I, 1, 8).

O beato Raimundo de Cápua cita o nome de três ajudantes de Catarina: Neri di Landoccio Pagliaresi, Estêvão Maconi e Barduccio Canigiani. O primeiro acompanhou-a desde 1378 e após a sua morte fez-se padre diocesano; o segundo, por conselho da própria *mamma*, entrou mais tarde para a Ordem dos Cartuxos, falecendo em 1424 com 77 anos; o terceiro fez-se eremita e morreu em 1406. Outros secretários foram: Cristóvão de Gano Guidini, João Tantucci, Tomás Petra, frei Tomás da Fonte, frei Bartolomeu Domingos, Pedro Ventura, Anastácio de Montalcino, Geraldo e Francisco Buonconti, Francisca de Goro, Alexandra Saracini e Joana Pazzi.

Ao ditar, Catarina procedia com rapidez. Num processo bastante comum entre os antigos, pronunciava os seus pensamentos para três cartas ao mesmo tempo. Durante os êxtases devia ser ainda mais difícil acompanhá-la palavra por palavra; disso se conclui que os secretários, mais tarde, se davam ao trabalho de completar algum período e acabar pensamentos não inteiramente reproduzidos.

As cartas

Exatamente 381 são as cartas que chegaram até nós como da autoria de Santa Catarina de Sena. Um famoso pesquisador das obras catarinianas, Eugénio Dupré Thesseider,⁷ afirmou: «Não existe motivo racional para se duvidar da origem das cartas (de Catarina) no seu conjunto; apenas se poderá questionar o que pertence aos secretários na redação.»

No seu epistolário, a Santa obedecia a um esquema único:

– *Proémio ou introdução*: «Em nome de Jesus Cristo crucificado e da doce Maria, eu, Catarina, serva e escrava dos servos de Cristo, vos escrevo no seu precioso sangue, desejosa de ver-vos...» (e segue em poucas palavras o assunto ou motivo da carta).

– *Corpo da carta*, em que desenvolve o seu pensamento.

⁷ VAN DORNIK, A.. *Caterina da Siena, la donna che non tacque nella chiesa*. Assis, p. 162.

– *Conclusão ou fecho*, normalmente com as seguintes expressões: «Permaneeci no santo e doce amor de Deus. Doce Jesus, Jesus amor.»

Ao que parece, Catarina gostava de dar também notícias dos membros da sua família espiritual; mas os copistas antigos, mais interessados em assuntos “espirituais”, saltavam tais notícias, deixando de lado um material que nos seria precioso para reconstruir o ambiente humano em que viveu a Santa.

Sobre o assunto das cartas de Catarina, ficou dito que Catarina o exprimia logo na introdução. Por exemplo, na carta n.º 1: «Eu vos escrevo no precioso sangue, desejosa de ver-vos com verdadeiro conhecimento de vós mesma»; na carta n.º 2: «desejosa de ver-vos iluminado pela verdadeira e perfeitíssima luz»; na carta n. 3: «desejosa de ver-vos seguir o Cordeiro morto por nós sobre o madeiro da cruz». Dei-me ao trabalho de catalogar por ordem alfabética esses títulos e vou listá-los abaixo, pois creio que dão uma visão sinótica de quase toda a doutrina espiritual de Catarina e uma noção exata dos assuntos que mais a preocupavam na sua vida apostólica. Os números referem-se às cartas:

- Alicerce verdadeiro: 340
- Alimento angélico: 26, 353
- Amor próprio: 266, 275
- Batismo: 15
- Campo frutífero: 166
- Caridade: 4, 7, 17, 29, 33, 53, 61, 77, 86, 95, 96, 97, 101, 108, 113, 117, 118, 129, 137, 141, 144, 146, 155, 161, 164, 165, 171, 182, 184, 215, 217, 220, 228, 236, 246, 248, 263, 279, 292, 304, 306, 322, 342, 356, 357, 377
- Combatente verdadeiro: 114, 142, 148, 159, 169, 170, 202, 245, 256, 257, 261, 332, 371, 372
- Compadecer-se de si mesmo por causa dos pecados: 348
- Conhecimento de si e de Deus: 1, 37, 116, 154, 185, 241, 362
- Coração despojado: 111, 194, 314
- Coração viril: 363 (ver Combatente verdadeiro; Homem viril)

- Cortar e desatar: 329
- Cristo:
 - alimento: 147
 - amar a Cristo: 172
 - conformar-se a Cristo: 99
 - Cordeiro humilde e manso: 177
 - fundamento sem Cristo: 309, 328
 - seguir a doutrina de Cristo: 119
 - seguir o Cordeiro: 35
 - seguir os passos de Cristo: 216
 - ser servo de Cristo: 253, 254, 259, 262
 - unir-se a Cristo: 232
 - vestir-se de Cristo: 265, 376
- Cruz: 3, 27, 74, 139, 219
- Cruzada: 237, 238
- Cultivar a própria alma: 22 (vinha)
- Defender a cidade da alma: 319
- Desejo de Deus: 70
- Desejo santo: 44, 91, 93, 136, 167, 176, 212, 260
- *Desiderio desideravi*: 52, 152, 208, 225
- Despojar-se de si: 98
- Deus:
 - esperar só em Deus: 14, 352
 - louvar sempre a Deus: 315
 - morrer por Deus: 324, 325
 - vontade de Deus: 20, 351
- Devedor correto: 21
- Discrição: 213
- Espelho de virtudes: 57, 369
- Espírito Santo: 145, 198, 335
- Esposa de Cristo: 23, 50, 54, 79, 112, 115, 221, 271, 277
- Fé: 83, 85, 318, 344
- Fidelidade:
 - a Cristo: 183

- à Igreja: 367
- Filho verdadeiro da Igreja: 43, 131, 133, 138, 140, 143, 157, 162, 163, 207, 224, 303
- Firmeza no bom propósito: 181, 197, 231, 239
- Fortaleza na batalha: 195
- Governador justo: 338, 358
- Gratidão a Deus: 89, 203, 336, 337, 349, 379
- Homem novo e homem velho: 68, 160, 268, 299
- Homem viril: 11, 107, 121, 123, 130, 229, 242, 255, 320, 333
- Humildade: 51, 105, 174, 214
- Igreja (servir a): 323
- Iluminação perfeita: 2, 9, 42, 46, 48, 64, 65, 168, 173, 188, 190, 201, 205, 250, 301, 305, 307, 312, 316, 330, 341, 343, 350, 354
- Justiça: 135, 311
- Livrar-se da presunção, soberba e de outros inimigos: 365
- Luz da fé: 281
- Luz para o mundo: 200
- Mãe do corpo e da alma (Lapa): 240
- Mandamentos: 19, 180, 235, 366
- Ministro verdadeiro: 24
- Morrer para si mesmo: 269
- Mundo (desapegar-se do): 149, 345, 360
- Negligência (cancelar a): 106
- Obediência: 36, 230, 327
- Paciência: 5, 6, 13, 18, 38, 81, 84, 110, 151, 214, 252, 264, 297, 298, 355
- Pastor bondoso: 125, 196, 218, 243, 291, 302
 - e pai: 156
 - viril: 34, 63, 88
- Paz com Cristo: 103, 209
- Paz com os súditos (o Papa): 285
- Pecado mortal: 244
- Perder a si mesmo e procurar Cristo: 326
- Peregrino verdadeiro: 249, 278

- Perseverar na virtude: 47, 72, 76, 82, 126, 128, 258, 287, 289, 294, 363, 378, 380
- Porteiro viril (o Papa): 270
- Pregador da palavra: 226, 280
- Providência: 78
- Prudência: 370
- Redil (colocar-se no): 45
- Sacerdote verdadeiro: 109
- Sai da tua terra e vai: 66
- Sangue de Cristo: 10, 12, 25, 28, 55, 56, 73, 80, 124, 132, 153, 158, 182, 189, 204, 210, 227, 234, 273, 276, 283, 300, 308, 331, 359, 375, 381
- Sede das almas: 8, 16, 296
- Seguir Santa Inês: 58
- Sensualidade: 120
- Servo de Cristo: 30, 31, 32, 40, 60, 62, 90, 122, 191, 288, 290
- Sofrer por Cristo: 134
- Suportar os males: 87, 100
- Temor de Deus: 274, 361
- Trabalhar na própria vinha: 313, 321
- Trevas (deixar as trevas e procurar a luz): 222, 310
- Vaso de eleição: 59
- Verdade:
 - amar a verdade: 193, 284
 - fundamentar-se na verdade: 317
 - procurar a verdade: 94
 - seguir a verdade: 272, 286
 - Vestir nova e vestir velha: 175
 - Vestir nupcial: 211, 247
 - Vida religiosa: 67
 - Virtudes: 71, 104, 179, 192, 199, 251

Felizmente, a Paulus Editora Brasil publicou, em português, a coleção completa das cartas de Santa Catarina de Sena.⁸ Mas a simples lista dos assuntos de que se ocupou é suficiente para mostrar concretamente a riqueza do conteúdo que possuem.

O Diálogo

No mês de outubro de 1377, Catarina achava-se hospedada no castelo da família Salimbeni no vale do Orcia. Provavelmente, no dia de São Francisco de Assis, passou por uma grande experiência interior, que lhe fez compreender em toda a sua extensão o prejuízo causado à Igreja pelas lutas político-religiosas do seu tempo. Além disso, por aqueles dias, recebeu uma carta do seu diretor espiritual frei Raimundo, na qual ele expressava iguais sentimentos. Vivamente impressionada, a Santa respondeu-lhe com a carta n.º 272, escrita pelo seu próprio punho. Tal carta, segundo a opinião de todos os estudiosos, constitui o germen da sua obra-prima, *O Diálogo*.⁹

Não sabemos com precisão as datas que delimitam a composição desse livro. O beato Raimundo diz o seguinte: «Quase dois anos antes da morte, o céu revelou-lhe a verdade com tal clareza, que Catarina se viu obrigada a difundi-la por meio da escrita e pediu aos seus secretários que permanecessem prontos a transcrever quanto saísse da sua boca, logo que a vissem entrar em êxtase. Assim, num breve espaço de tempo, foi composto certo livro, que contém o diálogo entre uma alma – que faz quatro pedidos ao Senhor – e o próprio Senhor, o qual lhe responde, instruindo sobre numerosas e úteis verdades.»¹⁰ Toda a questão se põe a respeito daquele «num breve espaço de tempo», de que fala Raimundo. A professora Giuliana Cavallini, na introdução com que apresenta o texto crítico de *O Diálogo*, resume as suas investigações, dizendo: «As hipóteses sobre o espaço de tempo, durante

8 A Editorial Aster de Lisboa publicou em 1980 um volume contendo 78 cartas catarinianas.

9 Para um confronto pessoal, o leitor encontrará a tradução da carta n.º 272 em apêndice a este volume.

10 *Biografia*, III, 3.

o qual Catarina teria ditado o seu livro, variam – como se sabe – de um máximo de mais ou menos treze meses (de outubro de 1377 a outubro ou novembro de 1378) a um mínimo de cinco dias (de 9 a 13 de outubro de 1378). A última hipótese, que coloca o início da obra entre dezembro de 1377 e a primavera de 1378, e o seu término em agosto ou outubro de 1378, de maneira alguma contradiz os dados externos que conhecemos; encontra até confirmação na estrutura de *O Diálogo* assim como hoje claramente nos aparece. De tal estrutura resulta que o livro não foi composto em poucos dias, todo de uma vez, mas durante um espaço de tempo bastante longo. Resulta ainda que, a partir de um núcleo fundamental, foram feitos sucessivos acréscimos sem se perder – aliás até fortalecendo – a sua unidade”.¹¹

Na forma como foi ditado pela Santa, *O Diálogo* não continha divisões especiais, além daquela dialogal que lhe é característica, nem possuía um título: «Catarina não deu um título ao seu livro.» Para ela e para os seus discípulos, era «o Livro», e ninguém se preocupava com indicar através de outras palavras o seu conteúdo. Devendo mais tarde divulgá-lo e transmitir ao mundo a mensagem recebida, foi preciso dar-lhe um título, bem como dividi-lo em tratados e capítulos. Dessa maneira foi chamado «Diálogo» por causa da sua forma, e mais tarde «Livro da divina doutrina», «Livro da divina Providência», «Revelações», «Diálogo da divina doutrina» e, sobretudo, «Diálogo da divina Providência».¹² Atualmente, todos concordam em que a divisão feita no passado em tratados e capítulos é incongruente e arbitrária. As últimas edições do «Livro» de Santa Catarina de Sena têm aparecido com novas propostas de divisão, à procura de uma maior coerência com o pensamento da autora.

O problema também se punha para esta tradução para o português. Depois de muito estudo, preferi seguir um caminho próprio, que me parece mais de acordo com a visão que Catarina tinha do seu

11 SANTA CATARINA DE SENA, *Il Dialogo* ao cuidado de G. Cavallini. (1980) Roma, p. XXII-XXIV.

12 TAURISANO, P. I. *Il Dialogo*. (1928). Florença, p. XII.

«Livro»: conservei a forma dialogal, donde brota também o título geral da obra. Realmente, o livro de Catarina é um diálogo entre uma «serva» e «Deus Pai», sendo cada “fala” ou discurso introduzido por uma apresentação redacional de um terceiro locutor. Para facilitar a divisão do livro, incluirei tais apresentações na respetiva fala, seja de Deus, seja da serva. No total, são 37 capítulos. Nos números ímpares, quem discorre é a serva; nos pares, Deus. Talvez como sinal de início de uma nova parte do diálogo, Catarina costuma usar a palavra «*Allora*» (Então); fui fiel a esse seu costume.

A extensão das várias falas não é proporcional. O número 7, por exemplo, resume-se a duas linhas; o número 18 estende-se por dezenas de páginas. Neste último caso, impunha-se uma subdivisão. Confesso que não foi tão difícil encontrá-la, pois Catarina encerra os assuntos principalmente com um sumário e uma exortação, que certamente deveriam orientar a leitura dos fervorosos discípulos.

Ao ditar o seu livro, Catarina menciona continuamente os assuntos já tratados. Sei de traduções que simplesmente eliminaram tais referências. Da minha parte, dei-me ao esforço de individuar os pontos a que se referiam, e isto salienta enormemente a organicidade do pensamento catariniano.

A linguagem usada por Catarina ao ditar o seu livro é belíssima, mas de difícil compreensão para quem não é versado no italiano arcaico. Procurando conservar toda a força do “espírito” que anima o texto original, dei-lhe uma veste nova na medida do possível. Afinal, seria uma pena que continuasse ignorado por mais tempo o que disse a Virgem de Sena, somente porque se expressou num linguajar de outras eras. Encurtei as frases, subdividindo os longos períodos que se concatenavam em numerosas subordinadas; fiz Catarina falar a nossa linguagem. Mas conservei o seu pensamento, que é atualíssimo. A finalidade de toda a minha fadiga foi permitir que a nova Doutora da Igreja repetisse para nós a sua poderosa mensagem.

As orações

Os discípulos de Catarina de Sena colheram dos seus lábios, durante os prolongados êxtases, muitas orações e preces. Chegaram até nós pelo menos 26, cujo texto crítico foi editado no ano de 1978 por G. Cavallini, em Roma. O leitor de *O Diálogo* poderá avaliar e perceber a chama de amor que fervilhava no coração da grande santa, lendo os números 3; 5; 13; 29; 35; 37, deste volume. Sem forçar na hipérbole, são cataratas da mais pura religiosidade, a brotar de uma inteligência extraordinária, de uma vontade férrea e de uma sensibilidade sem igual.

Entrego assim este livro secularmente famoso. De propósito evitei falar sobre “a atualidade da mensagem de Catarina”, sobre “os pontos principais da sua doutrina política”, etc. Oxalá tenha conseguido retratar fielmente o seu pensamento total, não nesta singela apresentação, mas na tradução do texto que segue.

Frei João Alves Basílio, OP

Índice

PREFÁCIO DO TRADUTOR.....	5
I – Cronologia de Santa Catarina de Sena	5
II – Os escritos de Santa Catarina de Sena.....	10
As cartas	11
O Diálogo.....	16
As orações.....	19

PRIMEIRA PARTE

ROTEIRO DA

FORMAÇÃO APOSTÓLICA..... 21

1. CATARINA EM VIGÍLIA NOTURNA..... 23

- 1.1 – É pelo amor que
o homem se une a Deus 23
- 1.2 – As quatro petições 24
- 1.3 – Catarina oferece-se como vítima 24

INTRODUÇÃO AO

DIÁLOGO COM DEUS PAI..... 27

2. PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS

DA FORMAÇÃO APOSTÓLICA..... 29

- 2.1 – A penitência sozinha não dá reparação à culpa..... 29
- 2.2 – A culpa é reparada pelo amor 30
- 2.3 – O autoconhecimento..... 31
- 2.4 – A satisfação reparadora mede-se pelo amor..... 31
- 2.5 – Sumário e exortação 34
- 2.6 – Toda a virtude é praticada no próximo..... 35
- 2.7 – É no homem que se ama a Deus..... 37
- 2.8 – É na dificuldade que se provam as virtudes 40
- 2.9 – O cristão precisa de humildade,
caridade e discernimento..... 41
- 2.10 – Deus quer ações retas, não palavras 44
- 2.11 – Sumário e exortação 48

3. CATARINA IMPLORA	
A MISERICÓRDIA DIVINA	50
3.1 – Angústias e esperanças de Catarina.....	50
3.2 – Súplica à Trindade	51
4. DEUS FALA DOS	
PECADOS DOS CRISTÃOS	53
4.1 – Triste situação da Igreja	53
4.2 – A obra redentora de Cristo	54
4.3 – Responsabilidades dos cristãos	55
4.4 – Os servidores de Deus e a reforma da Igreja	57
5. CATARINA ROGA PELO MUNDO	59
6. QUEIXA DIVINA	60
7. CATARINA VÊ O UNIVERSO NAS MÃOS DE DEUS	62
8. DEUS CONFIRMA AS SUAS PROMESSAS	63
9. CRESCE O DESEJO SANTO DE CATARINA	64
10. DEUS PAI FALA SOBRE	
JESUS CRISTO-PONTE	65
10.1 – O diretor espiritual	65
10.2 – Jesus Cristo é uma ponte	65
10.3 – O rio do pecado	66
10.4 – Como caminha a Humanidade.....	66
10.5 – Grandiosidade da ponte.....	67
10.6 – Colaboração humana	67
11. CATARINA PERGUNTA	
QUEM PASSA PELA PONTE	71
12. DEUS PAI EXPLICA EM QUE	
SENTIDO CRISTO É PONTE.....	72
12.1 – Descrição da ponte	72
12.2 – Cristo atrai a Si todas as coisas	73
12.3 – O material da ponte	74
12.4 – Os dois caminhos	75
12.5 – Cristo é ponte pela sua mensagem	76
12.6 – Sumário e exortação	79
13. ORAÇÃO À MISERICÓRDIA DIVINA.....	80

14. DEUS FALA SOBRE OS PECADORES	82
14.1 – Os que vão pelo rio do pecado.....	82
14.2 – Os seus principais defeitos.....	83
14.3 – Julgamento falso e repreensões divinas	86
14.3.1 – A voz da Igreja.....	87
14.3.2 – O juízo particular.....	88
14.3.3 – O juízo final	91
14.4 – A felicidade dos santos.....	92
14.5 – A condenação eterna	95
14.6 – Sumário e exortação.....	97
14.7 – Os pecadores e o fim da vida	98
14.8 – A ilusão do pecado	100
14.9 – Infelicidade dos pecadores	102
14.10 – A fé morta dos pecadores	104
14.11 – Os pecadores e as riquezas	105
14.12 – Os pecadores sofrem	108
14.13 – Sumário	110
14.14 – Caminhos da conversão.....	110
15. CATARINA PEDE EXPLICAÇÕES	
SOBRE OS DEGRAUS DA PONTE	113
16. DEUS PAI FALA DA FUNÇÃO DAS	
FACULDADES NA VIDA ESPIRITUAL	114
16.1 – As faculdades como degraus comuns	114
16.2 – A sede da água viva	116
16.3 – Que significa reunir “dois ou três”.....	118
16.4 – Sumário e exortação.....	120
17. VISÃO DE CATARINA SOBRE	
A HUMANIDADE PEREGRINA	123
18. DEUS PAI EXPLICA COMO	
ATINGIR A PERFEIÇÃO	124
18.1 – Os degraus do amor.....	124
18.1.1 – O amor servil (1.º estado)	124
18.1.2 – O amor interesseiro (2.º estado)	125
18.1.3 – O amor-amizade (3.º estado).....	127

18.2 – A caminhada para o amor-amizade	129
18.3 – Como se vive o amor-amizade	131
18.3.1 – A vigília de oração	131
18.3.2 – Desapego das consolações	139
18.3.2.1 – A rotina das consolações	141
18.3.2.2 – O egoísmo espiritual	142
18.3.2.3 – O diabo em figura de luz	144
18.4 – Os sinais da perfeição	147
18.4.1 – Efusão do Espírito Santo	147
18.4.2 – Compreensão da caridade de Cristo	149
18.4.3 – Impulso ao apostolado na paciência	151
18.5 – Os perfeitíssimos	155
18.5.1 – A sua humildade	155
18.5.2 – A sua contínua união com Deus	156
18.5.3 – São sofredores e felizes	157
18.5.4 – A união extática	159
18.5.5 – O exemplo de Paulo	163
18.5.6 – O desejo da morte	164
18.5.7 – O conhecimento infuso	166
18.6 – Sumário e exortação	168
19. CATARINA PEDE EXPLICAÇÕES	
SOBRE AS LÁGRIMAS	171
20. AS LÁGRIMAS,	
SUAS ESPÉCIES E SEUS FRUTOS	172
20.1 – As lágrimas nascem do coração	172
20.2 – As lágrimas de vida	173
20.3 – As lágrimas e as fases da vida espiritual	177
20.4 – As lágrimas de fogo	179
20.5 – As lágrimas são infinitas	180
20.6 – Frutos das cinco lágrimas	181
20.6.1 – Efeitos das lágrimas de condenação	181
§ 1 – As más ações	182
§ 2 – Os sentimentos maus	182
§ 3 – As más palavras	183

§ 4 – Os vícios capitais	183
§ 5 – Os vendavais da vida	184
20.6.2 – Efeitos das lágrimas de temor	187
20.6.3 – Efeitos das lágrimas de autocompaixão	187
20.6.4 – Efeitos das lágrimas de amor	187
20.6.5 – Efeitos das lágrimas de união	189
21. CATARINA PEDE	
ESCLARECIMENTOS A DEUS	193
22. PEDIDO DE ATENÇÃO A CATARINA	195
23. CATARINA OBEDECE	
À ORDEM DIVINA	196
24. A TRÍPLICE ILUMINAÇÃO	
DO HOMEM	197
24.1 – Iluminação da «caridade comum»	197
24.2 – Iluminação dos imperfeitos	199
24.3 – Iluminação dos perfeitos	200
24.4 – Deus solicita atenção a Catarina	205
24.5 – Três atitudes fundamentais	205
24.5.1 – Não corrigir o próximo	206
24.5.2 – Não julgar o interior do homem	207
24.5.3 – Respeitar a espiritualidade alheia	208
24.5.4 – Resumo das três atitudes anteriores	209
24.6 – Visões e alegria espiritual	210
24.7 – Exortação à prece	213

SEGUNDA PARTE

SITUAÇÃO DA HIERARQUIA ECLESIAÍSTICA

E PERSEGUIÇÕES POLÍTICAS 215

25. CATARINA FAZ DIVERSOS

 PEDIDOS A DEUS 217

26. DEUS PAI PROMETE ATENDER 220

27. CATARINA PÕE-SE A MEDITAR 221

28. A VIDA DOS BONS

 E MAUS SACERDOTES 222

28.1 – Dignidade dos sacerdotes e Eucaristia	222
28.1.1 – Como receber a Eucaristia	223
28.1.2 – Visão sobre a Eucaristia	226
28.2 – Virtudes sacerdotais	228
28.3 – O respeito devido aos sacerdotes	230
28.3.1 – Visão sobre o Papa	231
28.3.2 – Não perseguir os sacerdotes	231
28.3.3 – O grande pecado dos perseguidores	233
28.4 – Os santos pastores do passado	236
28.4.1 – Assemelhavam-se ao sol	237
28.4.2 – Eram justos	238
28.4.3 – A falta de justiça nos tempos de Catarina	239
28.4.4 – Eram pobres	240
28.4.5 – Eram generosos	243
28.5 – Sumário e exortação	244
28.6 – Pecados dos clérigos	246
28.6.1 – Egoísmo e ganância	246
28.6.2 – Injustiça	248
28.6.3 – Impureza	250
28.6.4 – Visão de Catarina sobre a impureza	252
28.7 – Defeitos dos religiosos	254
28.8 – Principais vícios dos clérigos	257
28.8.1 – A impureza	258
28.8.2 – A ganância	260
28.8.3 – O orgulho	264
28.8.4 – Consequências desastrosas	270
28.9 – A morte dos ministros de Deus	275
28.9.1 – A morte do bom sacerdote	275
28.9.2 – A morte do mau sacerdote	278
28.10 – Sumário e exortação	283

TERCEIRA PARTE

A PROVIDÊNCIA DIVINA	285
29. ORAÇÃO PELO MUNDO	
E PELA IGREJA	287
29.1 – Agradecimento a Deus Pai	287
29.2 – Oração pelo mundo e pela Igreja	289
30. A PROVIDÊNCIA DIVINA	291
30.1 – Deus criador e redentor	291
30.2 – Providência geral e particular	295
31. CATARINA FIXA	
O PENSAMENTO EM DEUS	298
32. QUEIXA DIVINA	
E PEDIDO DE ATENÇÃO	299
33. CATARINA CONCENTRA-SE EM DEUS	301
34. A PROVIDÊNCIA DIVINA (cont.)	302
34.1 – O caso particular	302
34.2 – A providência e a reconstrução do homem	302
34.3 – A providência e os acontecimentos da vida	306
34.4 – Providência divina quanto à Eucaristia	309
34.5 – A Providência divina e os estados da alma	312
34.5.1 – A Providência divina e os pecadores	313
34.5.2 – A Providência divina e os imperfeitos	315
34.5.3 – A Providência divina e os perfeitos	319
34.6 – Orientações diversas aos servidores de Deus	322
34.6.2 – Harmonia pessoal do apóstolo cristão	324
34.6.3 – A comunhão no amor	325
34.7 – Providência e necessidades materiais	327
34.7.2 – Exigências divinas: desapego das riquezas	330
34.7.3 – A pobreza autêntica	333
34.8 – Sumário e exortação	338

QUARTA PARTE

OBEDIÊNCIA E DESOBEDIÊNCIA	341
35. CATARINA INTERROGA	
SOBRE A OBEDIÊNCIA	343
36. OBEDIÊNCIA E DESOBEDIÊNCIA	
NA VIDA CRISTÃ	345
36.1 – A obediência em geral	345
36.2 – A obediência comum dos Mandamentos	347
36.3 – A obediência especial dos conselhos	351
36.3.1 – É uma vocação mais perfeita	352
36.3.2 – A vocação beneditina e franciscana	353
36.3.3 – A vocação dominicana	354
36.4 – Obediência e desobediência nos religiosos	357
36.5 – Disposições necessárias para a vida religiosa	357
36.6 – O religioso obediente	358
36.6.2 – O religioso obediente na comunidade	360
36.6.3 – O prêmio do cem por um	362
36.7 – O religioso desobediente	364
36.7.1 – Ilusões da desobediência	364
36.7.2 – Frutos da desobediência	365
36.7.3 – Queixa divina contra a desobediência	367
36.8 – A tibieza religiosa	367
36.8.1 – Perigos da tibieza	367
36.8.2 – Como vencer a tibieza	368
36.9 – Outras considerações sobre a obediência religiosa	370
36.10 – A vida consagrada dos leigos	371
36.11 – Exemplos de obediência	374
36.12 – A obediência na vida e na morte	375
36.13 – Resumo geral do livro	376
36.14 – Exortação final de Deus Pai	378
37 – AGRADECIMENTO FINAL DE CATARINA	380

APÊNDICE	383
CARTA 272	
de Santa Catarina de Sena	
a Fr. Raimundo de Cápua	383